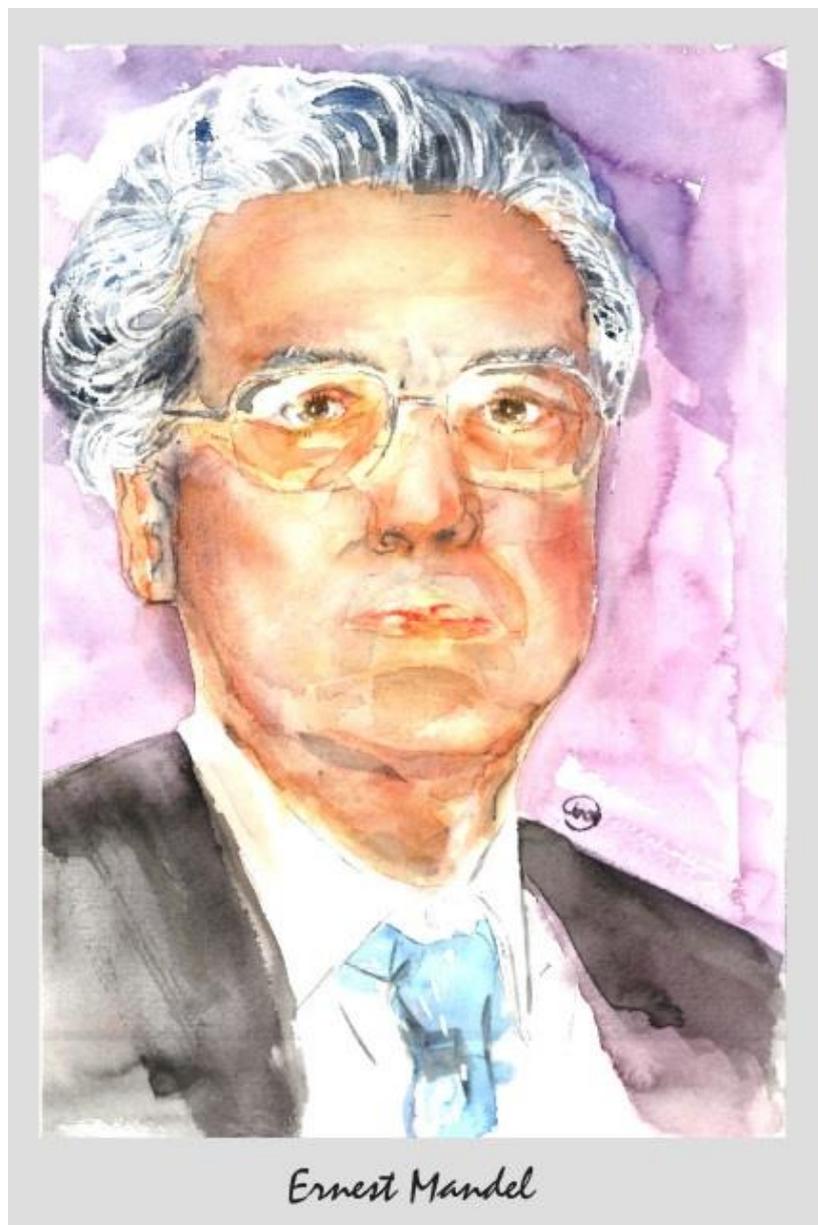


## ARMAMENTISMO E CAPITALISMO TARDIO: DESENVOLVIMENTO DO DEPARTAMENTO III E VALORIZAÇÃO DO CAPITAL EM TEMPOS DE CRISE DE REPRODUÇÃO

Weapons and late capitalism: department III development and capital valuation in times of reproduction crisis

Sandro **WAMBIER** (Professor da Universidade Federal do Paraná Graduado em História pela USP, mestrado e doutorado em educação pela UFPR, Brasil)



Após o colapso dos Estados burocráticos, em 1989, criou-se, entre outras, a expectativa em torno de uma nova ordem nascente em meio a um clima de triunfo ideológico. Prevaleceu uma série de discursos apologéticos ao sistema de hegemonia do capital, com a respectiva direitização da política e restauro de velhos preconceitos e discursos apoiados nas visões do burguês eufórico: o “fim da história” no sentido hegeliano foi apenas uma das expressões deste momento: a “naturalização” do capital e da ordem social moldada a ele foi o elemento comum do discurso de Estado no período. A título de exemplo, foi emblemático ao longo dos anos 90 o deslocamento mais à direita do chamado centro político formado pela socialdemocracia, pelo trabalhismo, pelos PCs “metamorfoseados” e demais expressões do que pode ser chamado genericamente de reformismo. Em resumo, um quase consenso em relação às virtudes da nova ordem embalado pelo otimismo conservador e triunfalista.

Entretanto, como tendência histórica, expressões ideológicas mais peremptórias são mais sujeitas ao desgaste e envelhecimento precoces, excetuando aquelas de apelo mais religioso; principalmente quando as contradições do processo histórico tornam-se mais aparentes e, portanto, reveladoras do caráter social, parcial e fragmentado do enunciado ideológico. Neste caso, o triunfalismo cedeu em menos de uma década aos impasses do desenvolvimento econômico capitalista. Longa crise, fase B de Kondratieff ou crise estrutural do sistema de capital, o fato é que as dificuldades crescentes da valorização do capital são evidentes e impossibilitam a projeção de uma estabilidade mais duradoura, tanto no centro quanto na periferia capitalistas.

Tomando, por exemplo e opção, a teoria mandeliana do capitalismo tardio – que coincide com a quarta e última onda longa do modo de produção capitalista, aberta ao final da Segunda Guerra Mundial – a inflexão descendente na dinâmica das taxas de lucros e da valorização do capital a partir do fim dos anos 60 vem se reafirmando apesar dos ciclos curtos de crescimento esporádico, e cada vez mais curtos, que frequentemente e apressadamente são tomados como definitivos: são as manifestações mais agudas da crise que vem prevalecendo sobre expressões localizadas, claudicantes e esporádicas de crescimento. Inclusive, a ‘visibilidade’ das crises corrobora a teoria mandeliana sobre a combinação entre ondas longas e ciclos curtos, ou mais precisamente, que nas fases descendentes das ondas longas, em relação aos ciclos curtos que a compõe, os ciclos de crise prevalecem temporalmente sobre os de crescimento. Pode-se afirmar até que a eclosão destas crises cíclicas agudas forma a cronologia da história recente do capitalismo (crise mexicana, crise russa, crise argentina, crise das hipotecas, crise financeira...).

Além do triunfalismo conservador-liberal, duas espécies de prognósticos foram propaladas aos quatro ventos, ora revestidas de certa polidez acadêmica, ora como instrumento ordinário da ideologia triunfante. A primeira, em relação à nova ordem nascente, estabelecera uma nova relação entre as nações num quase decreto de abolição das desigualdades entre centro e periferia: multilateralidade e/ou multipolaridade seriam os signos definidores da nova ordem. A segunda, por dedução lógico-formal da primeira afirmativa, previra um processo de desarmamento global produto do triunfo da diplomacia multilateral; uma das consequências da ruína da ordem bipolar anterior. A realidade não poderia ter sido mais ingrata com os prognósticos! Tanto a multilateralidade quanto o desarmamento revelaram-se ilusões ingênuas até para os mais crédulos: fóruns e organismos multilaterais sucumbiram diante das ações unilaterais e dos vetos, e os gastos militares ultrapassaram os níveis da Guerra Fria. Em síntese, o poder do Estado hegemônico se impôs numa reafirmação atávica da desigualdade nas relações internacionais sob o capitalismo, mais ainda em sua fase tardia; e o armamentismo, como elemento permanente e estrutural da reprodução sistêmica, se impõe não apenas através de sua

presença ostensiva, mas também através dos gastos crescentes. A totalidade formada pelo imperialismo e pela força de coerção, longe de um anacronismo, reafirma-se com intensidade em tempos de crise e após o término da chamada ordem bipolar da Guerra Fria.

O que a realidade imediata também sugere é que esta escalada bélica é menos produto de conflitos de “novo tipo”, localizados e regionais ou da mais recente “guerra contra o terror”, do que algo inerente ao desenvolvimento capitalista, mais estrutural do que conjuntural. Primeiro, porque é indissociável a expansão do capital da força coercitiva-militar de Estado, ou mais propriamente, do papel do Estado como “pacificador” interno e, principalmente, avalista da expansão externa. Um fator que, sem dúvida, pode ser localizado ao longo da história da civilização e da constituição dos grandes impérios territoriais mais longínquos, mas que só adquire uma nova e significativa dimensão econômica a partir da consolidação da grande indústria moderna e de um novo patamar de desenvolvimento das forças produtivas, mais propriamente a partir do capitalismo monopolista e da produção de escala. Segundo, os gastos públicos junto ao Departamento III possuem um caráter funcional em relação ao próprio processo de valorização do capital em função mesmo das novas dimensões da produção, não só da mercadoria mas do sentido geral do processo produtivo que é a mais-valia (tanto à massa quanto à taxa).

Rosa Luxemburgo foi a primeira teórica marxista a identificar essa contradição da reprodução sistêmica – a produção de meios de destruição como fonte privilegiada de valorização do capital - localizando no caráter indireto do sistema tributário o mecanismo pelo qual há apropriação de parcela do capital variável social e sua transformação em fonte para o financiamento estatal de uma maisvalia adicional, gerada nos processos de produção de armas, sem que tal ciclo (apropriação de parcela do capital variável social pelo Estado – produção bélica privada – aquisição pelo Estado) fosse um elemento de pressão para novas crises de superprodução ou subconsumo. Esta análise permanece sendo a base teórica marxista do tema, reforçando a relação imperativa entre Estado e Departamento III. Mesmo que se possa comprar uma arma em qualquer esquina e apesar de um significativo comércio internacional de abastecimento de bandos criminosos, de grupos tribais e étnicos em luta, ou de guerrilhas dos mais variados matizes, não é comparável à aquisição de sofisticadas plataformas e armas de alta tecnologia, mercadorias de altíssimo valor agregado desenvolvidas e produzidas por grandes corporações e financiadas pelo próprio Estado num regime monopsonico.

Meio século após as elaborações de Rosa Luxemburgo, Ernest Mandel retomou o tema. O objetivo era a crítica contra aqueles que preconizavam a solução anticíclica, definitiva, dos gastos militares. Particularmente, a superação da tendência ao desequilíbrio entre os Departamentos I (produção de meios de produção) e II (produção de meios de consumo), que seria a raiz das crises cíclicas de superprodução/subconsumo. Mandel formulou um esquema de reprodução envolvendo a criação de um terceiro departamento (produção de meios de destruição), cuja lógica equivale aos dos ramos envolvidos na produção de mercadorias de luxo, mercadorias consideradas igualmente improdutivas, pois não participam de um novo ciclo  $D-M...P...M'-D'$ . Com o propósito de responder se o consumo improdutivo de armas pelo Estado é capaz de superar a contradição entre produção e consumo na relação entre os Departamentos I e II ( $Im + Iv < IIc$ ) e lançando mão de um esquema tripartite de reprodução, que no plano teórico-abstrato mais geral cumpre seu papel, Mandel buscou demonstrar que um terceiro departamento só satisfaz a condição de elemento de equilíbrio se possuísse uma baixa composição orgânica de capital ( $c/v$ ), isto é, a “solução” pretendida com a produção bélica desemboca num beco sem saída, segundo Mandel: armas são mercadorias com altíssimo valor agregado, não só portadoras da mais desenvolvida tecnologia, mas produzidas nas mais

sofisticadas unidades produtivas, de elevada composição orgânica.<sup>1</sup> A economia armamentista permanente, segundo o esquema de Mandel, cumpre mais um papel de elemento de mediação das crises cíclicas, sem se constituir num elemento de superação.

Mais recentemente, Istvan Mészáros retomou o debate através de sua principal obra “Para Além do Capital”. Inversamente, o profícuo autor húngaro não lançou mão das categorias básicas dos esquemas de reprodução/acumulação – capital constante, capital variável e mais-valia – e manteve-se, em boa parte, mais fiel ao discurso filosófico do que à economia: para o bem ou para o mal algo característico às gerações formadas pela escola de Lukács. Mészáros localiza no crescimento do complexo industrial-militar uma expressão da “crise estrutural do sistema de capital”. No plano mais geral, esta crise manifesta-se através de duas contradições básicas: a “tendência decrescente da taxa de utilização” e a “equalização por baixo da taxa diferencial de exploração”.

A hipertrofia do complexo industrial-militar insere-se, mais diretamente, na primeira tendência. No sentido mais amplo a “tendência decrescente da taxa de utilização” pode ser tomada como a forma do autor explorar a contradição tipicamente capitalista de subordinar o valor de uso ao valor de troca, destacando três de suas manifestações: a “obsolescência planejada” ou o consumo cada vez mais efêmero da mercadoria e o crescente desperdício de recursos humanos e naturais; o aumento da mais-valia absoluta que, entre outras questões, é reveladora da subutilização da técnica e uso de trabalho intensivo em detrimento do desenvolvimento dos meios de produção; e o próprio aumento do complexo industrial-militar. Este cumpriria o papel de “principal agente do deslocamento das contradições internas do capital” porque possui a capacidade de garantir ao mesmo tempo a máxima expansão produtiva (de determinadas unidades produtivas) com a mínima taxa de utilização (produção de valores de uso); seu desenvolvimento é mais um elemento que corroboraria a principal tese do autor húngaro: a “crise estrutural do sistema de capital”.

O deslocamento das contradições, como ganho para o ‘sistema de capital’ cobra um elevado preço para a própria reprodução sistêmica e para a sobrevivência da humanidade na medida que a autorreprodução do capital assume, crescentemente, um caráter destrutivo. Primeiro, porque revela uma produção cada vez mais divorciada das necessidades humanas reais. Uma destrutividade evidente e muito além do consumo irracional de recursos naturais e trabalho. Segundo, Mészáros alerta para a perniciosa relação entre ciência e complexo industrial-militar como, por exemplo, a significativa drenagem de recursos públicos para as pesquisas para fins bélicos.

Num sentido exploratório, e apoiado nos autores citados, é possível destacar alguns temas e indagações que merecem um tratamento e que, do ponto de vista da análise marxista, podem vir a fazer parte de uma agenda mais ampla de compreensão e de crítica aos mecanismos atuais da reprodução sistêmica:

1. Há um aumento generalizado dos gastos bélicos que não se limita às tradicionais potências militares (EUA, Rússia, China, Inglaterra e França). Tanto no centro quanto na periferia capitalistas governos elevam seus gastos no setor, financiando, inclusive, a produção local com ou sem tecnologia própria. É necessário avaliar o impacto destes gastos em relação ao produto bruto mundial e em relação ao endividamento público; este último sendo um dado pouco visível à época de Rosa Luxemburgo, anterior aos fundamentos do keynesianismo.

2. A importante relação entre ciência e Departamento III deve ser tomada a partir de três dimensões básicas: Primeiro, que as fases iniciais de pesquisa e concepção são amplamente financiadas pelo Estado numa escala muito superior às demais como, por exemplo,

a pesquisa médica - evidentemente encontraremos uma variação significativa destes gastos militares entre diferentes países embora dentro de um espectro bastante amplo que vai dos EUA ao Paquistão. O Estado, portanto, não participa apenas como comprador do produto final, mas como fomentador das fases de pesquisa e desenvolvimento. Para o capital isto é importante já que muitas dessas tecnologias militares, frequentemente e amplamente destinadas para posterior uso civil, demandam tempo para seu desenvolvimento, muito além da necessidade imediata de valorização: o ciclo de reprodução ampliada do capital deve ser o mais curto possível, principalmente em tempos de crise. As dimensões de alguns projetos demandam consórcios e associações corporativas com ampla participação do Estado para sua viabilidade, cumprindo o papel de elemento exógeno catalisador dos processos de concepção e desenvolvimento, muitos dos quais seriam inviáveis se dependessem apenas dos interesses imediatos e exclusivos do capital. Segundo, a relação entre corporações e o Estado, em torno do conhecimento científico-tecnológico proporcionado pela produção bélica, acelera os processos de monopolização e concentração do conhecimento, aprofundando, ainda mais, a alienação entre conhecimento técnico-científico e interesse social. Terceiro, como as tecnologias produzidas neste processo possuem como tendência e potencialmente a capacidade de transpor-se do uso militar para o civil, criam e possibilitam a geração de renda tecnológica, obtida através do monopólio do conhecimento tecnológico. Assim, aprofunda-se a contradição entre caráter social do conhecimento e apropriação privada da ciência. É necessário que sempre se destaque que este mecanismo, a renda tecnológica, destaca-se entre os principais mecanismos da reprodução do capital na atual fase do capitalismo tardio; o que reforça, também, a natureza crescentemente parasitária e rentista do capital nas últimas décadas.

3. Com relação ao complexo industrial-militar, na expressão de Mészáros (com origem em famoso discurso de despedida de Dwight Eisenhower), mais estritamente, dois pontos necessitam de um melhor dimensionamento: Primeiro, tal complexo industrial não só produz mercadorias de alta tecnologia como utiliza, em suas unidades, processos produtivos também de tecnologia avançada, de elevada composição orgânica. Portanto, uma dinâmica contraditória para a utilização das mais avançadas forças produtivas para o desenvolvimento e produção de forças de destruição. Segundo, não há um complexo industrial-militar especializado, e sim departamentos, unidades e empresas vinculadas às corporações monopolistas e transnacionais, ou seja, a existência apenas aparente de fronteiras entre indústria civil e militar. Algo que sugere, em extensão, o caráter funcional do setor para a reprodução sistêmica.

4. Em que dimensão o Departamento III (Mandel) ou o complexo industrial-militar (Mészáros) é o “principal agente de deslocamento das contradições internas”, ou qual seria sua verdadeira importância para a reprodução sistêmica, reprodução material do modo de produção capitalista, merece um tratamento mais apurado. Tanto Mandel quanto Mészáros, e poderíamos incluir também Sweezy e Baran,<sup>2</sup> em última instância e em medidas diferentes, relacionam os gastos bélicos/militares com a superacumulação ou formação de excedentes de capital e que sem dúvida cumprem seu papel como elemento mediador da crise de valorização; resta saber em que dimensão.

## Notas

1. Para Mandel, a economia armamentista só pode estabelecer um equilíbrio entre os departamentos I e II se:

$IIc + IImb + IIIc + IIImb = Iv + Ima + Img + IIIv + IIIma + IIImg$ , sendo c capital constante, v capital variável, ma mais-valia consumida improdutivamente, mb mais-valia consumida em capital constante adicional e mg mais-valia consumida em capital variável adicional.

Considerando uma composição orgânica do capital crescente há um desequilíbrio:  $IIc + IImb > Iv + Ima + Img$  que o departamento III só pode compensar se :  $IIIv + IIIma + IIImg > IIIc + IIImb$  uma contradição, já que sugere uma composição orgânica decrescente na produção bélica.

2. BARAN, P. & SWEEZY, P. El Capital Monopolista. México: Siglo Veintiuno, 1988.

#### Bibliografia

LUXEMBURG, Rosa. A Acumulação do Capital. Rio: Zahar, 1976.

MANDEL, Ernest. O Capitalismo Tardio. S. Paulo: Nova Cultural, 1985.

MÉSZÁROS, Istvan. Para Além do Capital. S. Paulo: Boitempo, 2002.

WAMBIER, S. M. Prometeu Traído: a crise do capitalismo tardio e a nova dialética civilização e barbárie. Tese de doutorado, UFPR, 2007.

## A Revolução Cubana e a Questão Nacional (1868-1963)

**A Revolução Cubana  
e a Questão Nacional  
(1868-1963)**



José Rodrigues Máo Jr.

NÚCLEO DE ESTUDOS  
D'O CAPITAL

José Rodrigues Máo Júnior

A Revolução Cubana e a Questão Nacional: 1868-1963, amplo e excelente estudo de José Rodrigues Máo Jr., foi produto de uma erudita tese de Doutorado defendida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP). O livro não deixa de dar um retrato *événementielle* da História recente de Cuba, onde os personagens, os discursos e as tomadas de posição políticas e militares têm relevo.

Mas a obra vai além. Ela retoma o fio da meada, que

é o nacionalismo cubano, para compreender porque o mais formidável fenômeno revolucionário da História da América Latina tornou-se ao mesmo tempo um paradigma e um evento que não pôde inspirar outras revoluções semelhantes. Afinal, tentou-se, fosse sob o nome de "foquismo" [alusão ao "foco" guerrilheiro] ou outro qualquer, repetir-se a estratégia cubana em outros lugares sem êxito.

Vendas: [www.mamadeiramolotov.com](http://www.mamadeiramolotov.com)

Núcleo de Estudos d'O Capital

